



COLHEES O QUE SEMELHAS

CHARLOTTE B. PLUMB

SECRET
SOCIETY

AVISOS DE CONTEÚDO

Abuso religioso

Gore

Morte

Sangue/cenas gráficas

Trauma

Violência contra crianças

Violência gráfica

Capítulo Um

Sempre que o sino da loja tilintava, Eda gostava de adivinhar: teriam vindo negociar com dinheiro ou com a alma?

Observou o mais recente cliente enquanto ele entrava aos tropeções, sacudindo a chuva da sua capa forrada a pele. Permaneceu junto à porta, hesitante. *Rico*, decidiu ela. *Assustadiço como um cão*.

Promissor.

— Bem-vindo às Antiguidades & Curiosidades Shaw. Posso ajudar?

O cavalheiro limitou-se a encará-la. Eda sorriu-lhe. Estava habituada a sorrir quando não lhe apetecia. Ben dizia sempre que era difícil desconfiar de um rosto amável.

— Eu... — O desconhecido engoliu em seco. Olhou em redor, para o interior da loja: as estantes imponentes que quase tocavam o teto, o lustre baixo, os tapetes espalhados pelo soalho envernizado. Armários, globos de latão e recipientes estranhos enchiam os cantos da divisão, deixando pouco espaço para circular. Se Lawrie estivesse ali, andaria entusiasmado a contar ao pobre homem a origem de cada peça, até às dobradiças das portas.

Eda tentou de novo.

— Procura algo em particular?

Ele retirou o chapéu de abas, revelando um cabelo bem aparado, à altura do queixo.

— Está mais alguém aqui? Outros clientes?

— Não, senhor. É o nosso último cliente do dia.

Não que tivesse havido muitos. Uma mulher de nariz arrebitado passara uma hora a inspecionar a coleção de serviços de chá antigos, e um par de académicos comprara um tomo da coleção de Weslico Antigo. Mas mais ninguém tinha atravessado a porta.

Eda suspeitava que aquele homem não estava interessado em bules de chá nem em livros empoeirados.

Aproximou-se do balcão, elegante nos seus sapatos com fiavelas e no gibão de veludo. O rosto era banal, mas havia algo no olhar selvagem que despertou uma familiaridade inquietante em Eda. Já o tinha visto antes, cem vezes, em cem rostos diferentes.

— Preciso de um espelho sem reflexo.

O pulso de Eda ganhou um novo ritmo, rápido e trémulo como uma lebre. Os seus irmãos não partilhavam aquela frase-chave levemente: se aquele desconhecido a conhecia, era porque tinham decidido que ele era sério.

Eda deu a volta ao balcão.

— Sabe o que está a pedir?

— Sim. Eu... sim.

Eda espreitou pelas janelas de sacada. Blackbridge era uma mancha escura e ruidosa de pedra molhada e fumo de óleo, lanternas a balançar na noite que se adensava. As irregularidades no vidro dificultavam distinguir quem quer que se aproximasse pela rua, mas nenhuma das figuras distorcidas que se apressavam pela chuva parecia ser um dos seus irmãos.

Nunca leves ninguém ao espelho sozinho, avisava sempre Ben. Se vierem à procura de fazer um Pacto, e nenhum de nós estiver contigo, tens de os mandar embora.

No vidro, o reflexo de Eda pairava como um espectro de cabelos claros.

Mordeu o interior da bochecha.

Ben ficaria furioso. Lawrie ficaria desiludido, o que era ainda pior. Mas há quanto tempo não encontravam alguém suficientemente desesperado — ou estúpido — para fazer um Pacto? *Negociadores*, como lhes chamava o Lawrie. Almas perdidas dispostas a pagar o preço máximo por qualquer coisa miserável que desejassem. Já tinham passado meses.

Podia mandar o homem embora, dizer-lhe para voltar noutra noite: já o fizera antes. Se estivesse suficientemente desesperado, voltaria. Mas Eda sabia, por experiência, que demasiado tempo para pensar trazia consigo os sussurros insistentes do bom senso. Ele podia convencer-se a desistir. Podia ir falar com a Irmandade da Fé — improvável mas possível. E depois?

O tempo estava a esgotar-se.

Eda cerrou o maxilar e virou o letreiro da porta para *FECHADO*.

— Como se chama, senhor?

— Preferia não dizer.

Mais esperto do que parece.

— Ele vai precisar de um nome, receio. Não vale a pena escondê-lo.

Ela puxou as cortinas ao longo do varão, isolando a porta e as janelas. À luz tremeluzente do lustre, as sombras em redor dos olhos do desconhecido alargaram-se, como órbitas vazias num crânio.

— Ele?

— O demónio com quem pretende fazer um Pacto.

Ele engoliu em seco. Endireitou-se.

— Chamo-me Bartholomew. O seu apelido é *Shaw*, presumo?

— Observou-a de alto a baixo com um desdém típico da nobreza.

— É bastante jovem para estar envolvida... neste tipo de negócio.

— Tenho 21 anos, senhor. E estou envolvida *neste tipo de negócio* desde o berço.

Isso pareceu calá-lo.

Eda conduziu Bartholomew para as traseiras da loja, através do labirinto de estantes altas como sebes e descendo dois degraus até uma porta na parede do fundo. Retirou a chave do bolso com um sobressalto de apreensão inesperada.

Já abrira aquela porta muitas vezes, mas nunca sem a presença de Ben ou Lawrie. A ausência deles era um fantasma por si só. Eda conhecia a loja tão bem como se conhecia a si própria — era sua responsabilidade tomar conta dela enquanto Lawrie tratava de recados e Ben trabalhava —, mas aquele silêncio expectante era estranho. Opressivo. Sentia-o a respirar-lhe na nuca.

A chave tilintou na fechadura. *Mãos firmes, Eda, sua tola.*

A porta abriu-se.

A respiração de Bartholomew acelerou. Ela abafou a culpa incipiente, porque aquilo era necessário, e tinha de ser feito rapidamente. Os irmãos não estavam ali para o impedir caso ele tentasse fugir.

Eda acendeu os candeeiros de parede enquanto desciam a escada de ferro em espiral. A cave era sempre fria, e a luz do fogo pouco fazia para criar a ilusão de calor. Cheirava vagamente a mofo, a terra e a algo primitivo. Lembrava-lhe túmulos e catacumbas. Lugares aonde os vivos não pertenciam.

Acendeu o último candeeiro antes de se virar para Bartholomew.

Ele agarrava o corrimão, os nós dos dedos brancos, olhando fixamente.

— É aquilo?

Eda seguiu-lhe o olhar. A cave dos Shaw estava completamente despida de ornamentos... exceto o espelho solitário encostado à parede.

— Sim — murmurou. — Isto é um Portal.

O espelho tinha mais de um metro e oitenta de altura e cerca de metade dessa largura. Fora talhado de um único bloco de obsidiana espessa. Todos os Portais eram feitos desse material, há séculos, quando ninguém seguia os ensinamentos da Fé nem do Pai Celestial, mas sim um panteão de deuses pagãos. Hoje, essas divindades apenas eram veneradas por bruxas e hereges, se é que ainda o eram.

Uma era selvagem, lembrava-se Eda de Lawrie ler em voz alta de um dos seus livros de História. Um tempo em que falsas divindades reinavam e os seus suplicantes ignorantes criavam para elas terríveis instrumentos de poder. Obsidiana negra extraída das profundezas das minas das montanhas do Norte, onde o véu entre mundos é ténue; era essa a matéria-prima. Magias de sangue para imbuir a pedra de vida — foi assim que os Portais foram criados.

— Como é que *conseguiram* isto, em nome do Pai Celestial? — Bartholomew aproximou-se com cautela. — E tão bem preservado. Pensava que a Irmandade da Fé tinha destruído todos os exemplares em Wesland.

— Estão a tentar, sem dúvida. Foi o meu pai que encontrou este espelho. Nenhum de nós sabe como ele o conseguiu.

As unhas de Eda cravaram-se-lhe na palma da mão. Não tinha qualquer vontade de falar de Oswin Shaw, muito menos naquele momento. Era melhor avançar.

— Está preparado?

A voz de Bartholomew tremeu.

— Preparado para quê, exatamente?

É o suficiente.



Ela aproximou-se do Portal. A moldura exibia uma profusão caótica de imagens, esculpidas com tal detalhe que cada figura parecia ter nascido da própria pedra — pumas em fúria, serpentes sibilantes, flores espinhosas. Entre as pétalas e as vinhas escondiam-se criaturas estranhas, menos familiares: o rosto

sorridente de um duende de nariz adunco, aves temíveis, um cavalo de presas afiadas. No topo, no cume do espelho, um grupo de figuras nuas ajoelhava-se em súplica.

Eda estremeceu.

Apesar da grandiosidade da moldura, era o próprio espelho que detinha o poder. A sua superfície não refletia nada: negra como uma noite sem estrelas, lisa como um lago imóvel. Por mais vezes que a tivesse contemplado, ainda assim um arrepio percorreu-lhe a espinha.

Tocou na rocha cristalizada. Quente, onde não deveria haver calor. A cave estava gelada, mas o que quer que existisse do outro lado do espelho não estava.

— Mr. Black. Invoco-o.

A superfície ondulou como água em torno da mão de Eda.

Bartholomew soltou um som aflito.

— Esse é o nome dele?

— O único pelo qual o conheço.

O espelho tornou-se reluzente como uma joia e começou a ondular como alcatrão. Ela recuou para junto de Bartholomew, tentando acalmar o pulso acelerado. Eda sabia, racionalmente, que não tinha nada a temer. Mas o corpo nunca aprendia essa lição.

— O que está a acontecer? Porque está a demorar tanto? — O lábio superior de Bartholomew brilhava de suor. Apertava o manto contra si, como se pudesse desaparecer dentro dele.

Eda agarrou-lhe o braço. Ele pareceu pensar que ela o estava apenas a amparar, o que era suficiente. Na verdade, temia que ele tentasse fugir.

— Ele não é um cão, senhor. Virá quando estiver pronto.

— É... é sempre o mesmo? Pensava que qualquer demónio podia ser chamado através de um Portal.

— O espelho que vê à sua frente também existe do outro lado, no Outro Mundo. A maioria dos demónios não consegue manter

um Portal só para si. — Lançou-lhe um olhar de lado. — Mr. Black não é como a maioria.

Aquilo pode não ter sido a melhor coisa a dizer, tendo em conta a expressão alarmada de Bartholomew, mas pouco importava. A superfície do espelho tornou-se subitamente iridescente, como uma mancha de óleo ao entardecer. E, através dela, surgiu um homem.

Não era um homem, claro. Mas parecia-o de forma inquietante.

— *Eda.*

— Mr. Black.

Um nome ridículo, mas que pegou. Eda era apenas um bebé quando ele atravessou o espelho pela primeira vez. Lawrie tinha 5 anos. Segundo Ben, a única coisa em que o rapazinho reparou foi na forma como o demónio se vestia — inteiramente de negro, da cabeça aos pés.

Olá, Mr.... Black.

Por alguma razão, o demónio achou graça. E o nome ficara desde então.

— Este homem deseja fazer um Pacto — disse ela.

Bartholomew estremeceu.

Os olhos de Mr. Black — de um cinzento frio e penetrante — deslizaram até ele. Eda imaginou como seria para Bartholomew ver um demónio pela primeira vez. A pele de Mr. Black era pálida, o cabelo ainda mais. Caía-lhe pelas costas até meio, numa cascata branca como neve. As roupas eram igualmente requintadas: uma túnica negra e um gibão a condizer, com detalhes prateados, tão suaves que pareciam mais líquidos do que feitos de tecido. Com traços angulosos e um sorriso curvo, Mr. Black era inegavelmente belo. Não havia nada exteriormente inumano nele, e, no entanto, havia algo profundamente diferente na sua maneira de estar. Fazia arrepiar os cabelos de Eda.

O demónio avançou na direção de Bartholomew.

— Podes deixar-nos, Eda.

A sua voz era suave como mel, mas ela reconhecia uma ordem quando a ouvia. Eda apertou o braço de Bartholomew num gesto tranquilizador.

— Espero-o lá em cima.

— Diga-me, então — cantarolou Mr. Black enquanto ela recuava pela escada. — O que deseja?

Ela não devia escutar às escondidas. *Melhor não saber*, diria Ben. *Os negócios deles não nos dizem respeito.*

Mas Eda raramente resistia ao prazer da curiosidade mórbida. Lawrie dizia que ela era patologicamente intronada. Talvez. Mas que mal é que isso alguma vez causara? Mr. Black não se importava, e sabia *sempre* quando ela andava a espiar. Isso bastava-lhe.

Eda puxou a porta da cave — deixando apenas uma abertura de poucos centímetros — e agachou-se para espreitar. A parte de trás da cabeça de Bartholomew mal se via através da escada. Muito mais nítido era Mr. Black, enquanto andava de um lado para o outro na divisão. Havia nele uma quietude quase sobrenatural mesmo quando estava em movimento; não desperdiçava um único gesto sem propósito, cada passo era perfeitamente medido. A cabeça mantinha-se estranhamente imóvel sobre o pescoço. Qualquer que fosse a direção em que se movesse, o olhar nunca abandonava Bartholomew. Lembrava Eda daqueles retratos que parecem seguir-nos com os olhos em salas escuras e assombradas.

Bartholomew disse qualquer coisa, com voz ténue. Eda apenas percebeu a palavra *justiça*. A sua imaginação começou logo a ferver. Nada de tão banal como dinheiro, então. Vingança? Já escutara o suficiente para saber que ambos eram motivadores comuns.

Certa vez, lembrava-se ela, um homem pobre aparecera a pedir ouro — mais do que os filhos dos seus filhos alguma vez

poderiam gastar. Mr. Black transformou pedras em moedas de ouro, que surgiram durante a noite na pensão lotada do homem, empilhadas tão alto que transbordavam pelas janelas para a rua como chuva. Os vizinhos acorreram ao local, arrebatando o que podiam numa febre eufórica, até que a Ordem da Lâmina chegou para apreender o resto. Acusado, com razão, de ter feito um Pacto, o homem voltou à Antiguidades Shaw, furioso e desesperado.

Não especificou onde nem como queria o seu precioso ouro, dissera-lhe Mr. Black. Agora saia deste lugar, antes que o esventre aqui mesmo onde está. A menos que deseje negociar novamente?

Os Lâminas apanharam e enforcaram o homem no espaço de duas semanas.

Algum tempo depois, uma jovem apareceu a chorar pelo marido infiel. *Amo-o tanto, mas os seus olhos vagueiam. Tenho medo de o perder. Faça com que ele só me veja a mim.* Mr. Black deu-lhe um anel encantado. De manhã, o marido estava cego. Na sua visão arruinada, via-a apenas a ela — o anel brilhante, pairando como um espectro, para onde quer que virasse o olhar. Chamou-lhe uma maldição. Estrangulou-a na sala de estar. Os folhetos sensacionalistas noticiaram o caso durante dias.

A repulsa de Eda lutava com a sua curiosidade enquanto observava Bartholomew. Pensava pouco em quem era suficientemente tolo para fazer acordos com demónios — e ressentia-se por ter de os levar até Mr. Black. Mas, pelo menos, quando pediam riqueza, beleza ou poder, o seu desprezo era fácil de justificar. A ganância e a vaidade eram fáceis de odiar. Mas ir ali implorar vingança? Para aliviar a dor de um coração partido ou corrigir uma injustiça terrível?

Ela tinha pena deles.

Mr. Black parou de andar.

— O meu preço, então — esfregou um dedo contra o lábio —, vinte anos.

Eda assobiou entre dentes. *Vinte!* Não era o valor mais alto que ele alguma vez pedira, mas estava perto. Os clérigos da Irmandade da Fé gostavam de falar sobre os perigos de perder a alma num pacto demoníaco, mas, se as almas existissem, os demónios não tinham qualquer interesse nelas. *Anos* humanos, por outro lado...

— V-vingte? Isso é absurdo! — Bartholomew já não sussurrava. A sua voz subiu num tom de indignação horrorizada.

— *Não.* — Os olhos de Mr. Black reluziram. Os candeeiros de parede tremeluziram. As sombras pareceram erguer-se pelas paredes, espalhando-se pelo teto como tinta derramada. — É *exatamente* o preço certo. Mas se não estiver preparado para o pagar...

— Eu... eu só...

— Ouça como o cordeiro gemel! — riu-se ele. — *Eu, eu, eu.* É por isso que vêm, não é? Vocês, mortais? Quereis, *quereis* tanto, de forma tão desavergonhada. Mas não importa. Nunca faço julgamentos. — Mr. Black deslizou por detrás de Bartholomew e tocou-lhe no ombro, como faria a um amigo. — Posso realizar os seus desejos mais ardentes. Só precisa de me oferecer um pouco de tempo em troca. E o que é o *tempo*, para vocês, humanos? — O seu tom suavizou. — As vossas vidas são tão facilmente interrompidas, de qualquer forma.

Com um gesto teatral, apareceu-lhe na mão um pergaminho de aspeto nítido, como se tivesse surgido do nada. Eda reconheceu o cabeçalho familiar escrito no topo, em letras ousadas e sinuosas: *Pacto de Vinculação de Troca Mortal.*

Os detalhes escapavam-lhe, exceto a cláusula central comum a todos os Pactos: caso um demónio falhasse em cumprir o seu lado do acordo, o número de anos proposto seria retirado do seu próprio tempo de vida. Tanto quanto Eda sabia, essa era uma das únicas formas de um negociador recuperar os anos perdidos.

A caligrafia avermelhada do contrato brilhava à luz do fogo. Eda nunca vira Mr. Black a sangrar e, por vezes, imaginava o

processo de forjar um Pacto. Cortar-se-ia? Molharia uma pena elegante num tinteiro cheio do seu precioso sangue e ficaria ali a escrever numa secretária?

A ideia era tão absurda que quase a fez rir.

Mas Mr. Black inclinava-se sobre o ombro de Bartholomew, junto ao ouvido.

— Assine aqui, doce Bartholomew, e terá a sua justiça.

O silêncio tornou-se pesado. As chamas crepitavam.

— Não tenho nada com que assinar.

Mr. Black retirou uma pequena faca de osso branco de algum sítio que Eda não conseguia ver. Estava praticamente a abraçar o homem por trás, lâmina e contrato estendidos pacientemente em cada mão. Uma serpente enrolada à volta da presa, sem a esmagar nem a deixar fugir.

— O seu sangue é a única assinatura de que preciso. Só um pequeno corte, e está feito.

Corre, queria Eda gritar. Corre agora, seu idiota, e não olhes para trás. O que quer que ele te dê não vale o que vais perder.

Mas ela não se podia dar ao luxo de fazer o que era certo. Se pudesse, nunca teria trazido Bartholomew ao espelho em primeiro lugar. Eda só podia morder o lábio e observar.

Bartholomew soltou o ar. Estendeu uma mão trémula em direção à lâmina...

A campainha da porta tilintou.

Eda sobressaltou-se e caiu de rabo no chão. A porta da cave fechou-se suavemente.

Merda!

Levantou-se aos trambolhões e alisou as saias. Verificou a trança enquanto regressava apressada pelo meio das estantes. Com o cabelo encaracolado que tinha, nunca o conseguia manter penteado por muito tempo. Já sentia pequenos fios soltos a escaparem-lhe junto às orelhas.

Contornou o enorme armário que servia de pano de fundo ao átrio da loja, e o seu cabelo encaracolado foi a primeira coisa que Lawrie comentou. Eda sabia que ele o faria.

— Esse teu matagal está a lutar por liberdade — troçou ele.

— E tu pareces um rato afogado.

— Ainda assim, mais bonito do que tu.

Lawrie era alto e desengonçado, todo cotovelos e pernas. A chuva só o tornava mais esguio, com a capa de lã colada aos ombros. Os caracóis estavam colados à cabeça.

Ben fechou as cortinas atrás de si e sacudiu a água do capuz. Onde Lawrie era esguio, Ben era corpulento e musculado. De maxilar quadrado, apenas o cabelo dava alguma suavidade à sua aparência rude. Eda gostava de pensar que ele o tinha posto na linha ainda no útero, recusando-se a tolerar os caracóis rebeldes típicos dos irmãos.

— Eda. — Ben olhou-a com atenção. — O que se passa?

Como é que ele faz sempre isto?

Esconder-lhe alguma coisa era um esforço inútil; quando se tratava de mau comportamento, ele tinha o faro de um cão de caça e os olhos de um falcão.

— Não sei porque assumas logo que há alguma coisa *errada*...

— Há corrente de ar. — O olhar dele fixou-se nos candeeiros do teto, cujas velas tremeluziam. O tom tornou-se mais baixo.
— A porta da cave está aberta?

Lawrie ainda estava a tirar a capa quando congelou.

Não valia a pena negar.

— Veio um homem perguntar pelo espelho.

Ben pendurou o casaco em silêncio.

Eda deu por si a tagarelar.

— Ele conhecia a frase-chave, estava pronto para fazer um Pacto. Não estava aqui mais ninguém. Eu confirmei. Não sabia quando é que vocês iam chegar a casa e não queria perdê-lo.

— Queixas-te de que te trato como uma criança, mas comportas-te como uma! Quantas vezes já te disse para nunca...

— Nunca levar ninguém ao espelho sozinha, *sim*. Mas apesar do que gostas de pensar, sou uma mulher adulta, Ben, e perfeitamente capaz de lidar com estas coisas. Ou preferias prolongar a nossa dívida o máximo possível? Não podemos dar-nos ao luxo de rejeitar Pactos sem uma boa razão.

— Manter-te em segurança é uma boa razão. — Ben deu dois passos rápidos na direção dela; Eda recuou. — Não a quero sozinha com esse demónio mais do que o estritamente necessário.

— Mr. Black não me vai magoar. Não vai magoar nenhum de nós. Ele não pode, está no...

— No nosso Pacto, *sim*. Conheço a cláusula.

Eda ficou irritada.

— Não o *nosso*. O pai é que nos meteu nesta confusão.

Os olhos de Ben, cor de avelã, faiscaram.

— Eda...

Bartholomew irrompeu pelo átrio a correr. Mandou um apavorado pelos ares ao passar entre as estantes, mas estacou ao vê-los. Tinha os olhos tão abertos como os de um cavalo assustado.

Sobressaltado, Ben pôs-se à frente da porta. Eda recebeu, por um instante, que ele tivesse razão: que o terror de Bartholomew o tivesse finalmente vencido. Que tivesse mudado de ideias, que tentasse fugir. Teriam de o ameaçar. *Bater-lhe*, se fosse preciso, para o manter calado. A pele dela arrepiou-se.

Depois, viu-lhe a mão. Os dedos estavam cobertos de sangue escuro.

Ele tinha sido cortado.

Está feito.

Ben chegou à mesma conclusão, claro, porque depois de um momento tenso em que os dois homens se encararam, ele afastou-se lentamente.

Bartholomew deu um passo instável em frente. Segurava a mão ferida e olhou para Eda, atordoado.

— Eu não... não sinto nada de diferente. Não devia sentir alguma coisa?

— Receio não saber, senhor.

Eda passou-lhe o seu lenço. Era apenas sensato, dizia a si própria, não permitir que o homem chamasse atenção desnecessária com aquele ferimento. Reprimiu a pena que se lhe instalou no estômago. Recusou-se a considerar aquilo um gesto de bondade. Nada naquele trabalho era bondoso.

Bartholomew aceitou-o e limpou a mão. Quando não pareceu disposto a dizer mais nada, Lawrie puxou silenciosamente as cortinas e abriu a porta. Lá fora, a chuva caía sobre poças negras. Um cão ladrava.

Bartholomew acenou com a cabeça, endireitou-se e saiu da loja.

Os três irmãos ficaram a vê-lo enquanto a sua figura distorcida se afastava pela rua. Bartholomew não seria capaz de falar sobre o Pacto que tinha feito, nem em voz alta nem por escrito. Enquanto os Shaw permanecessem ao serviço de Mr. Black, estavam protegidos por isso, pelo menos. Mas, no instante em que a dívida fosse saldada...

O signatário aceita a expiração de todas as cláusulas e alterações efetuadas após a conclusão deste contrato.

Nada os protegeria de difamação depois disso.

— Ali — sussurrou Lawrie. — É aquele tipo assustador com o bigode, outra vez.

Eda viu-o: uma figura alta e imóvel, envolta em sombras do outro lado da rua. Usava um gorro de lã com penas, e o brilho avermelhado da sua cigarrilha iluminava um bigode espesso que já todos tinham começado a reconhecer. A luz não lhe chegava bem aos olhos enquanto observava Bartholomew a afastar-se.

Um pressentimento fez com que os pelos na nuca de Eda se eriçassem.

— Eu *disse-te* que o Lich tem gente a vigiar-nos — disse Lawrie.

O nome estalou pela divisão como uma descarga de estática.

— Deixem-nos observar — respondeu Ben. — Se o Severin Lich nos quer caçar, está a demorar o seu tempo. Não deixem que ele vos assuste.

— Como é suposto, exatamente, ignorar um *senhor do crime* que anda a farejar o nosso negócio, Ben? Ele quer claramente o Portal!

— Ele pode ficar com ele — cortou Eda. — Em breve já não nos vai servir para nada. O Bartholomew deu vinte anos, o que significa...

— Uma adição muito bem-vinda ao meu livro de registos.

Eles viraram-se, em choque.

Mr. Black estava no meio do átrio.

Toda a conversa de Eda sobre ser adulta desvaneceu-lhe na garganta. Ali, perante ele, não passavam de crianças à espera de julgamento.

A sua presença esmagadora ia apagando os anos como um picador de gelo.

— Embora deva confessar, jovens Shaw, que esta dádiva chega tarde demais para o meu gosto. Quando foi a última vez que me trouxeram uma alma desejosa?

— Os termos são claros — atirou Ben, rígido. — Todos os anos têm de ser feitos Pactos que totalizem cinquenta anos. Ainda temos tempo para cumprir a quota.

O demónio sorriu, um sorriso sem dentes.

— Talvez. Mas a colheita de outono aproxima-se, o ano está quase no fim. Se a doce Eda *te* tivesse ouvido, Benjamin, esta noite estarias vinte anos mais pobre.

Ben corou.

Na escuridão da sala, Mr. Black parecia fundir-se com as sombras. Apenas o rosto pálido e sorridente permanecia distinto, pairando como uma máscara sem corpo.

— A vossa dívida está quase paga por completo. Restam apenas dez anos! Uma pena vacilar agora.

Eda temia Mr. Black, mas não o odiava. Não como Ben e Lawrie o odiavam. Um demónio fazia o que fazia porque estava na sua natureza. As pessoas faziam Pactos porque *podiam*. Tal como o próprio pai deles tinha feito.

Oswin Shaw procurou o espelho. Invocou Mr. Black e fez um Pacto que não podia pagar — mais anos do que qualquer vida individual poderia comportar. E assim, na sua loucura, concordou em trazer a Mr. Black a soma necessária através de outros. Tantos quantos fossem precisos.

Mas, caso morresse, a dívida passaria para os filhos.

— A vossa servidão por dívida está quase no fim, jovens Shaw. A vossa liberdade está próxima.

As velas do lustre dançaram enquanto a forma de Mr. Black se desvanecia, como fumo de carvão negro. Os olhos prateados incendiaram-se com a cor do fogo.

— Deviam estar *felizes*.

A luz estabilizou-se, e ele desapareceu.

As sombras eram o domínio de Mr. Black — a base do seu poder — e ele sabia bem como isso os perturbava. Eda nunca tinha testemunhado diretamente as suas outras capacidades. Não precisava. Os Pactos que forjava eram prova suficiente de que era capaz de coisas para lá da sua compreensão.

Ben dirigiu-se às escadas, os ombros altos e tensos como uma corda de arco.

Lawrie seguiu-o com um suspiro.

— Lawrie...

— Agora não, Eda. Só... não esta noite.

A chuva batia contra as janelas. Eda ficou sozinha na poça de luz tremeluzente das velas durante algum tempo, a observar com inquietação as sombras que se agitavam para lá dos seus limites. Cerrou os punhos.

Mais dez anos. Apenas dez.

Mr. Black tinha razão — não podiam vacilar agora. Não depois de duas décadas de servidão finalmente perto do fim. Como seria, perguntou-se ela, viver fora da sua sombra? Ser libertada para a luz, sem direção, nova como um pássaro acabado de nascer? Eda não sabia.

A esperança agitou-se, perseguida por um tentáculo contorcido de medo.

Uma nova vida. Um novo começo. Uma oportunidade de *descobrir*.

E faltava-lhes apenas mais um Pacto.



Capítulo Dois

Pouquíssimas flores cresciam em Blackbridge, mas Eda sabia onde encontrá-las.

A cidade era uma vasta extensão de canais, pontes e torres elevadas — a mais antiga conurbação de toda Wesland. Pouca vegetação sobrevivia entre as vias compactas de pedra, exceto nos jardins bem cuidados da cidade alta. Mas a Antiguidades & Curiosidades Shaw estava vantajosamente situada em frente a um beco que dava acesso ao Canal do Santo. O grande rio atravessava a cidade a partir de leste, e, por vezes, nenúfares cresciam ao longo das suas margens.

Eda desceu os degraus de serviço até à beira do rio. Um pequeno aglomerado de nenúfares delicados agarrava-se às margens cobertas de algas; arrancou um punhado. Estavam molhados e enrugados, mas não custavam nada. Aldith Moore cobrava dois cobs pelos seus bonitos arranjos florais, e a Antiguidades Shaw não lucrava o suficiente para justificar tal despesa todas as semanas. Eda preferia assim. Gostava da honestidade de fazer as coisas por si mesma. De não dever nada a ninguém.

Seguiu pela estrada principal em direção a oeste. O Canal era geralmente visto como uma fronteira que dividia os bairros ricos

da cidade alta do caos fervilhante da cidade baixa. Viver junto às suas margens fazia do mundo de Eda uma estranha mistura de ambos. O seu mundo era o bairro de Crowgate: um curioso caldeirão de metalurgia operária, carroças de cavalos a relinchar, crianças aos gritos e cães a ladrar. O tráfego vindo do centro trazia cascos ferrados e carruagens, violinistas de rua animados e mercadores atarefados.

E, ainda assim, Eda sentia-se à margem de tudo aquilo.

Duas raparigas de bainhas sujas cochichavam à porta de uma loja, encostadas uma à outra, às risadas. A visão fez o coração de Eda apertar-se. Não tinha amigas. Sobre o que falaria ela, como as outras mulheres falavam entre si? Que segredos preciosos e partes vulneráveis de si própria poderia partilhar, quando dizer qualquer uma dessas coisas em voz alta acabaria com ela com uma corda de força à volta do pescoço? Enquanto a dívida do pai não fosse paga, aproximar-se de alguém era um desastre anunciado.

Uma das raparigas usava um frasco de prata coloidal ao peito. Uma imitação barata, sem dúvida, vendida por toda a cidade como proteção contra o demoníaco. Mais um lembrete doloroso do abismo que separava Eda de toda a gente. Ela não precisava de prata. Era um fantasma — um espectro que estava apenas de passagem.

Desviou o olhar antes que o ressentimento a sufocasse.

À entrada da ponte seguinte, uma casa-templo erguia-se sobre o rio. Era um edifício antigo de calcário descorado, mais claro do que as casas de estuque e madeira, tortas e envelhecidas, que ladeavam as ruas em redor. A casa-templo marcava o centro da paróquia de Crowgate e, embora Eda não fosse devota, visitava o recinto todas as semanas, sem falhar.

Uma gárgula fitava-a do alto do telhado inclinado quando se aproximou. Através do portão de ferro e ao longo do caminho de gravilha, lápides rodeavam-na de ambos os lados. Estavam tão

juntas que parecia absurdo queoubessem mais corpos ali, mesmo para aqueles com dinheiro para pagar. Cortou pelo relvado enlameado, contornando cada pedra com uma careta. Como se os mortos se importassem.

Não demorou muito a encontrar a lápide certa. Eda conseguia fazer aquele percurso de olhos vendados.

— Desculpa o atraso, mãe.

Pôs os nenúfares diante de uma sepultura torta de pedra clara. Estava lascada e gasta, mas a inscrição permanecia legível: *Emmeline Shaw. Esposa e mãe.*

Emmeline fundara a Antiguidades Shaw, viajando para lá das fronteiras de Wesland em busca das peças mais raras e cobiçadas. Eda nunca conheceu a mãe, mas, pelo que diziam, fora uma mulher instruída e ambiciosa. Dava-lhe náuseas que *esposa e mãe* fosse todo o legado de Emmeline. Mãe de uma filha que a matou no parto, e esposa de um homem como Oswin...

Eda lançou um olhar à lápide mais escura e recente ao lado da mãe. Franziu o sobrolho.

Oswin Shaw saiu de Blackbridge apenas uma vez em toda a sua vida. Não era tão instruído como Emmeline, nem tão aventureiro, mas tinha jeito para números e um bom trato com os clientes. Juntos, construíram um pequeno negócio respeitado. Segundo Ben, a loja fervilhava de movimento ao longo de todo o dia.

Depois, Emmeline morreu ao dar à luz Eda. Oswin nunca recuperou da perda. Durante meses, mal comia ou dormia, e os seus três filhos pequenos podiam muito bem ser fantasmas, tal era a atenção que lhes dava. A loja permaneceu fechada. Oswin passava as horas a escrever cartas, a estudar os livros de Emmeline até as velas se consumirem por completo.

Um dia, foi-se simplesmente embora, contara Ben a Eda. Pagou à Velha Mary, a vizinha do lado, para ir ver de nós e garantir que comíamos. Esteve desaparecido durante semanas. Até que, de repente, voltou.

Com o espelho.

— Achei que te encontraria aqui.

Lawrie avançou pelo lamaçal até junto dela, a capa bem apertada em torno do pescoço. Não chovia naquela manhã, mas os céus cinzentos de Blackbridge pareciam ameaçar chuva constantemente.

Eda cruzou os braços.

— Não devias já estar em casa? O Ben já saiu para trabalhar.

— A loja sobrevive. Precisei de apanhar o estafeta.

— Ah. Então voltaste a chatear a Biblioteca Nacional.

— Têm uma coleção extensa disponível para compra privada, e *Ritualismo Pagão em Wesland* está na lista, confirmei duas vezes. — Fungou. — Só que estamos sempre a ser ultrapassados por algum colecionador idiota.

— Talvez devesse deixá-lo ganhar. — Perante a expressão horrorizada de Lawrie, acrescentou: — Só podemos comprar uma certa quantidade de stock novo por trimestre. Um livro vale mesmo assim tanto?

— Sim, e ofende-me que sequer perguntes. O Ben é que devia ser o filistino aborrecido com a imaginação de uma colher de chá, não tu. Já te *expliquei* o quão raro este livro é...

— Ugh, não comeces outra vez. Vais acabar por me fazer odiar literatura para sempre.

Ele deu-lhe um pequeno empurrão; Eda empurrou-o de volta. Lawrie virou-se para as sepulturas, e o sorriso desvaneceu-se. Pegou num dos nenúfares encharcados da lápide de Emmeline e colocou-o sobre a de Oswin.

A irritação acendeu-se em Eda como fole numa forja.

— Eu não os trouxe para ele.

— Ele é o nosso pai, Edie. Era um bom homem. Só... se perdeu.

Eda revirou os olhos.

— É isso que chamas a abandonar os filhos para ir atrás de um espelho amaldiçoado? Ele estava *perdido* quando fez um acordo que não podia pagar e nos condenou a pagar o preço depois da sua morte? Tudo para a trazer de volta?

— Não — disse Lawrie. Os seus olhos cor de avelã faiscaram. Eram iguais aos dela, e neles Eda viu o próprio reflexo: faces rosadas e salpicadas de sardas, o cabelo dourado num caos furioso à volta dos ombros. — Eras um bebé. Não te lembras de nada.

— Mas tu *contaste-me* — respondeu ela. — Contaste-me como tu e o Ben o encontraram no átrio, a meio da noite. Estava coberto de terra, disseste, com uma mulher ainda mais suja vestida com roupas de enterro. Vocês ficaram aterrorizados. Até uma criança de cinco anos percebia que ela tinha voltado *errada*...

— Cala-te — interrompeu Lawrie, severo. — Eu sei o que disse. Sei o que ele fez. Ele estava de luto, Eda. Cometeu um erro. Não podes continuar a puni-lo por isso. Ele agiu por amor.

— Aquilo não foi amor. Foi loucura.

Ela já estava cansada de repetir os mesmos velhos argumentos. Os irmãos lembravam-se do pai antes de ele ficar louco, e o amor por essa memória toldava-lhes o julgamento. Eda não tinha esse problema. Via apenas os factos: Oswin sacrificara tudo para trazer a esposa de volta. Fizera um acordo com Mr. Black por algo tão antinatural, tão desmedido, que o demónio aproveitou para exigir uma quantia igualmente absurda.

Mil anos.

Oswin não conseguiria pagar em vida, nem sequer com os sete anos que, sem que ele o soubesse, ainda lhe restavam. Concordara que os filhos seriam os fiadores — uma garantia. Tudo para obter algo que nem um demónio tão poderoso como Mr. Black podia verdadeiramente conceder. Oswin viu o seu desejo realizado e, contra toda a ordem natural, Emmeline regressou para ele... só que já não era Emmeline.

As palavras de Mr. Black ecoaram como uma maré sombria.

Quereis, quereis tanto, de forma tão desavergonhada.

Eda cruzou os braços em torno de si mesma enquanto se afastava a passos largos.

— As pessoas são egoístas, Lawrie. O nosso pai era o pior de todos. Há quem não mereça perdão.

Ele seguiu-a.

— Não acredito nisso, e tu também não devias acreditar. Não podes afastar toda a gente assim, com tanta frieza.

Porquê?, apeteceu-lhe responder. Olha à tua volta, irmão. Que bem resta nesta cidade maldita? No instante em que o nosso Pacto terminar, eu vou-me embora.

O demoníaco era uma tentação constante em Blackbridge, sedutor como o calor de uma lareira no inverno. Eda sonhava escapar à escuridão que a prendia, enquanto os ingratos e egoístas daquela cidade se atiravam para ela de *livre vontade*. Odiava-os. Mas precisava deles. Seguiam Ben e Lawrie até ao espelho, na esperança de ver os seus desejos mais desesperados realizados, como suplicantes em oração. Seria patético ou apenas irónico que um demónio atendesse às suas preces quando o Pai Celestial não o fazia?

Eda conhecia o poder de Mr. Black. Via-o nos seus olhos prateados como mercúrio, sentia-o vibrar na pele sempre que ele se aproximava. Era inegavelmente *real*. E, no entanto, nunca sentira o Pai Celestial como os outros afirmavam sentir. Nas poucas vezes em que ousara rezar, nunca conhecera o Seu toque.

Dizia-se que outrora tivera outro nome. *No início, Ele governava com mais seis, e juntos moldaram a terra, o mar e o céu, segundo ensinava o Códice Sagrado. Mas, quando os outros deuses sucumbiram aos vícios terrenos, Ele forjou uma lâmina dourada para rasgar o véu entre mundos e assim os expulsar. Sob o Seu domínio, a humanidade encontrou indústria, ordem e bondade — e prometeu seguir*



os Seus ensinamentos, sob pena de ser condenada ao Outro Mundo, onde esses falsos deuses aguardam, corrompidos na mais profunda escuridão.

Corrompidos em demónios.

Eda achava difícil de acreditar que os primeiros demónios tinham sido, em tempos, deuses weslicos. A ideia de que os pecadores eram enviados para o Outro Mundo após a morte parecia-lhe ainda mais improvável — afinal, Mr. Black não passava os dias a desviar-se de espíritos atormentados como se fossem moscas incómodas. Mas, se um deus benevolente realmente velava pelo povo de Wesland, uma coisa era certa: Ele tinha virado as costas aos Shaw. Pensar que a sua família era tão desprezada por alguém que supostamente os deveria amar incondicionalmente...

Eda lançou um último olhar à sepultura do pai.

Doía menos não acreditar em nada.

— Quanto a ontem à noite — continuou Lawrie —, tens de perceber o ponto de vista do Ben. Ele só...

— Olha! — interrompeu ela.

Abrandou antes do portão da casa-templo, onde uma procissão de cavalos surgiu. Rodeavam uma carruagem elegante, toda adornada com as cores vermelha e prateada da Ordem da Lâmina. Cada cavaleiro empunhava uma espada de liga de prata, a reluzir sob a luz pálida da manhã. Apenas alquimistas autorizados pela Irmandade da Fé conseguiam fundir prata com aço daquela forma e criar uma arma eficaz. Nas mãos de um ferreiro comum, o metal seria demasiado mole.

— O que é que os Lâminas estão a fazer aqui? — sibilou Lawrie. O coração de Eda disparou no peito.

— Mantém a calma. Somos apenas duas pessoas a prestar homenagem a familiares falecidos.

— Também estamos a guardar um artefacto demoníaco *extremamente* ilegal na cave, que usamos para negociar Pactos!

A Irmandade da Fé envia os Lâminas para lidar com esse tipo de coisas. E se vieram por nossa causa? E se alguém nos denunciou?

Controla-te.

Eda agarrou-lhe a mão. Estava fria e húmida. Do outro lado do portão, os quatro cavaleiros permaneciam montados, observando com indiferença enquanto as pessoas paravam para ver. Uma criança puxava a manga da mãe, saltitando de excitação.

— Não me parece. Estão a escoltar aquela carruagem.

Mal acabou de falar, as portas abriram-se. De lá de dentro, um homem de estatura média desceu para a rua e puxou o capuz roxo para baixo, revelando o rosto.

Um clérigo.

— Parece um padre — comentou Lawrie. — Ou talvez um bispo. Achas que veio assumir a casa-templo, agora que o bispo Emery já não está?

Já não está era uma forma muito educada de dizer que tinha *morrido de infeção depois de se envolver com demasiadas prostitutas*, mas Eda supôs que isso pouco importava.

— Deve ser isso, sim.

Lawrie descontraíu, aliviado.

— Vamos embora. Devíamos ir para casa.

Ao aproximarem-se do portão, Eda observou o novo clérigo com surpresa silenciosa. *Jovem. E bonito, até.* Na sua experiência limitada, eram todos velhos e cheios de verrugas, de cabelo grisalho e olhos lacrimejantes. Ela raramente saía da paróquia de Crowgate, mas sabia que eram precisos anos de serviço dedicado para ascender de padre a bispo. E, no entanto, aquele homem não devia ter muito mais de 20 e poucos anos. Era pálido, sardento, com um cabelo ruivo marcante, penteado com cuidado para o lado. O rosto era austero, mas, se o cheiro constante dos canais — húmido e levemente bolorento — lhe desagradava, disfarçava bem. Vestia uma batina branco-creme com painéis ametista e

detalhes dourados. Uma capa de montar a condizer estava presa ao seu pescoço. O fecho tinha o desenho de uma mão aberta a dividir um sol: o símbolo da Fé.

Parecia muito limpo e luminoso entre os cinzentos e castanhos baços da rua.

Antes que Eda pudesse abrir o portão, o olhar dele encontrou o dela.

— Permita-me, minha senhora.

Parecia profundamente errado que um clérigo tão distinto lhe prestasse aquele gesto. Eda forçou um sorriso de agradecimento enquanto passavam.

Ele não nos conhece. Não há nada a temer.

Lawrie corou.

— Obrigado, senhor... hum, Padre. Muito obrigado.

Eda resistiu à vontade de dar uma cotovelada ao irmão.

O bispo inclinou a cabeça. Os olhos eram de um azul cativante.

— São ambos habitantes de Crowgate?

— Sim — adiantou-se Eda, antecipando que Lawrie começasse a falar sem parar. — Vivemos um pouco mais a leste, ao longo do Canal. Eu sou a Eda. Este é o meu irmão, Lawrie.

— Lawrence.

— Muito prazer. Sou o Bispo Florian Fane. — Levou a mão ao peito, onde um frasco pontiagudo de prata coloidal reluzia. Eda fitou-o com apreensão. Verdadeiro, claro, produzido pelo Claustro dos Alquimistas.

— Veio assumir a casa-templo, Padre? — chamou uma mulher.

Ouviram-se murmúrios de interesse; uma pequena multidão começou a reunir-se à volta da carruagem. Os Lâminas lançavam olhares severos do alto dos cavalos, mas não afastaram ninguém. As pessoas aproximavam-se cada vez mais.

O Bispo Florian não parecia perturbado com a atenção.

— Tenho o prazer de dizer que sim, minha senhora. Que o Bispo Emery descanse em paz. — Levou o dedo indicador à testa num gesto de bênção. Alguns apressaram-se a imitá-lo. — Venho até vós diretamente de Alderport. É desejo fervoroso de Sua Graça, o Patriarca, que seja nomeado um sucessor antes da sua morte. O próximo Conclave de Clérigos terá lugar aqui mesmo, em Blackbridge. — A multidão murmurou, entusiasmada, e o Bispo continuou: — Em antecipação desse dia sagrado, ofereço-me ao vosso serviço, onde a mão orientadora da Irmandade da Fé é tão necessária. Blackbridge é uma cidade orgulhosa e antiga, a mais antiga de toda Wesland! Porém, com uma história assim, ecos menos agradáveis do passado ainda persistem.

Um Conclave. Já tinham passado décadas desde o último, e ainda mais desde o anterior. Cada cidade recebia essa honra à vez. A escolha de um novo Alto Clérigo — sucessor do próprio Patriarca — haveria de deixar Blackbridge em alvoroço assim que a notícia se espalhasse.

Eda permitiu-se ouvir Florian Fane falar como uma criança atenta, intrigada. Havia algo de carismático nele que ela não conseguia identificar. O sorriso caloroso. O timbre confiante e vibrante da sua voz. Talvez fosse simplesmente o facto de ser jovem e bonito — demasiado bonito para as vestes de um clérigo.

— Portais antigos ainda persistem pela nossa bela Ilha. É opinião do Patriarca que é por *essa* razão, boa gente, que têm lutado mais do que qualquer outra grande cidade weslica contra a influência perniciosa dos pactos demoníacos. — O seu tom mudou. — Se houver Portais a ser usados para explorar os mais vulneráveis em Blackbridge, os responsáveis serão de pronto levados à justiça. Isto juro-vos eu.

As faces de Eda gelaram. Ao seu lado, Lawrie ficou tenso. A mente dela girava como uma roda desgovernada.

Nunca trouxeram ninguém da capital antes.

Se o Patriarca decidira pôr a culpa da depravação e da desordem de Blackbridge no demoníaco, em vez de nas más condições de vida, na corrupção e no desemprego, isso não surpreendia — mas significava que os Lâminas iam andar com o nariz colado ao chão. Operavam de forma independente de Irmandade da Fé, mas tinham sido fundados com base nos seus ideais, originalmente encarregados de proteger os fiéis da influência demoníaca. Séculos depois, a Ordem da Lâmina fazia cumprir a lei em todas as cidades-estado de Wesland — mas combater o demoníaco continuava a ser o seu princípio fundamental. Não era de admirar que o Grão-Marechal os tivesse colocado ao serviço da missão do bispo. Não com um Conclave de Clérigos à porta.

Eda mordeu o interior da bochecha.

Temos de fazer aquele último Pacto. E em breve.

O Bispo Florian ergueu as mãos; o murmúrio ansioso cessou.

— Não temais. Pretendo trabalhar incansavelmente ao lado da Ordem da Lâmina para restaurar a Fidelidade em Blackbridge, não apenas por este Conclave, mas pela cidade em si. Não falharemos. A vossa salvação está próxima.

Um tímido aplauso começou a surgir, rapidamente ganhando volume por entusiasmo. Aos ouvidos de Eda, era um ruído horrível e sem melodia.

O bispo apertava a mão de um homem. Baixava-se para cumprimentar um rapaz pequeno. As pessoas aglomeravam-se à sua volta como abelhas a um favo.

— Vamos — sussurrou ela, agarrando o pulso de Lawrie e puxando-o através da multidão. O olhar dos Lâminas pressionava-lhe as costas como um vento gelado a anunciar tempestade.

Eda tinha estado presa à loja — a Blackbridge — durante toda a vida. A história da dor da sua família estava gravada em cada pedra da calçada. Se existia um lugar onde a Fé não a oprimisse e onde não espreitassem negociadores de almas nas sombras, ela

estava determinada a encontrá-lo. Sair daquela cidade amaldiçoada seria a primeira coisa que escolheria por si própria, depois de uma vida inteira sem escolhas.

Até lá, ela e os irmãos tinham trabalho a fazer.



Capítulo Três

— **V**amos ser discretos. — Ben andava de um lado para o outro. As botas ainda enlameadas do trabalho do dia não pareciam incomodá-lo, enquanto pisava os tapetes sem se importar com a sujidade. — Não há mais nada a fazer. Eu e o Lawrie vamos deixar de procurar negociadores até que este bispo se aborreça e as coisas acalmem.

— Não me pareceu o tipo de pessoa que se *aborreça*, Ben — comentou Lawrie, encostando-se às escadas, sombrio. — Foi enviado pelo próprio Patriarca para resolver o problema dos demónios em Blackbridge. Ele está mesmo empenhado.

Eda esfregou a têmpora. Ainda era início da noite, mas já se sentia cansada o suficiente para se ir deitar. Uma luz verde inundava a loja, tingida pelas janelas. Nos caixilhos acumulava-se parte do seu stock mais vistoso: um enorme globo de latão, um serviço de jantar forisiano, um pavão empalhado com uma cauda de penas brilhantes. Ben quase o derrubou ao andar de um lado para o outro, e Eda não conseguiu continuar calada.

— O Lawrie tem razão. Portais, Pactos, negociadores de almas como nós... O Florian Fane não vai parar de os caçar depois de umas quantas semanas, Ben. Eu vi-lhe a cara. Ele está determinado.

— Este assunto do *Conclave* deixou a Irmandade da Fé em sobressalto, é só isso. Não é a primeira vez que os Lâminas fazem operações de repressão, e as investigações acabam sempre por passar. Achas mesmo que alguém como o Severin Lich teria durado tanto tempo sem saber quando interromper o negócio?

Severin Lich tinha dedos metidos em muitos negócios duvidosos: apostas ilegais, extorsão, exportações. Mas era conhecido nos mesmos antros e tabernas que Ben e Lawrie frequentavam por uma razão em particular.

Ele tinha um Portal.

Lich geria uma operação de negociação de almas há mais tempo do que os Shaw alguma vez tinham feito, e de forma muito mais bem-sucedida. A sua influência era mais forte na cidade alta, onde os nobres mais obscuros de Blackbridge recorriam a ele para fazer Pactos. Lich sabia dos Shaw e do seu Portal — o visitante esquivo de bigode bastava para o provar —, mas eles nunca tinham roubado a sua clientela. Isso, por si só, talvez os tivesse poupado à sua ira.

— O Lich é um homem de negócios, não um servo em dívida como nós. Ele recebe dinheiro, muito dinheiro. Pode dar-se ao luxo de suspender a operação durante algum tempo.

— Nós *não podemos* dar-nos ao luxo de sermos apanhados, Eda. — Ben passou uma mão pelo rosto. — Não agora.

O cansaço dele despertou-lhe uma pontada de compaixão. Eda lembrava-se de quando ele brincava na rua com uma espada de madeira, o rostinho sério contraído em concentração. Queria ser um Lâmina. Eda suspeitava que ainda queria, embora nunca o dissesse. A Ordem da Lâmina representava tudo aquilo que Ben não podia ser: nobre, honesto, livre de vergonha. Um defensor do povo.

Graças ao Pacto com Mr. Black, era antes obrigado a ser a sombra que lhes seguia os passos, a atacar as suas fraquezas

como um lobo faminto. O que apenas o fazia odiar ainda mais os demónios.

Ben tinha o coração de um cavaleiro. Era um tipo especial de crueldade, pensava Eda, ser transformado no monstro que se nasceu para matar.

Quando Oswin morreu, ele aceitou qualquer trabalho que conseguisse arranjar para manter os irmãos alimentados. O atual cargo de Ben como Mestre das Cavalariças dos Lâminas era o mais perto deles que alguma vez chegaria. Gostava de cavalos e o salário era justo, mas aquilo parecia ser, acima de tudo, uma forma de se punir. Ver aqueles homens e mulheres em armaduras reluzentes passar por ele, dia após dia, enquanto limpava o estri-me das suas montadas...

Ainda assim, o trabalho trazia dinheiro, e estar empregado pelos Lâminas significava que Ben estava, em grande parte, fora de suspeita. Nenhum simples cavaleiro andaria a brincar aos negociadores de almas debaixo do nariz deles. Ou, pelo menos, era eles assim esperavam.

Eda saltou do seu posto no balcão.

— Este bispo não parece ser como os anteriores. A Irmandade da Fé sempre condenou Blackbridge como a cidade mais depravada de Wesland, agora estão finalmente a tentar limpar a cidade. Não podemos ficar à espera que abrandem. Nem sequer sabemos quando vai ser este Conclave, e a colheita de outono é já daqui a três semanas.

— Estás a sugerir que continuemos como se nada fosse? Se eu e o Lawrie continuarmos a sair à noite para encontrar alvos, é só uma questão de tempo até sermos apanhados. Não podemos andar a dizer às pessoas onde fazer Pactos quando os Lâminas andam a pressionar desta maneira por informação. Eles vão aumentar a recompensa, e o bispo já está a alimentar o fervor religioso...



— É sempre um risco. É por isso que escolhemos os alvos com tanto cuidado. Essas pessoas querem um Pacto muito mais do que qualquer soma miserável que os Lâminas possam oferecer por informação. Só precisamos de mais *um*, talvez dois.

— Não vou discutir contigo.

Ela cerrou os punhos.

— Bem, eu estou a discutir *contigo*. Lawrie?

Lawrie manteve-se em silêncio, mas ela sabia que seria assim. Era sempre o mesmo cenário: Ben rosnava, Eda respondia e Lawrie pairava nas margens da disputa apelando à paz. Não a incomodaria, exceto que a ideia de Lawrie de mediação consistia invariavelmente em ficar do lado de Ben. Era mais fácil apaziguar Eda do que desafiar o irmão mais velho que tanto admirava.

Mas, desta vez, ela não estava apaziguada.

— Preciso de vos lembrar dos termos? Se não entregarmos a Mr. Black os seus cinquenta anos até à altura de cada colheita de outono... — a voz tremeu-lhe. — Ele *mata-nos*, Ben.

O silêncio tornou-se sufocante.

— Talvez... — Lawrie aclarou a garganta. — Talvez pudéssemos terminar com isto por nós próprios. Se fosse preciso. Dez anos entre os três... não é assim tão mau, pois não?

Eda demorou um instante a perceber o que ele queria dizer. Soltou uma gargalhada estridente.

— Estás a brincar.

— Ele tem razão, Eda — disse Ben, sem olhar para cima, o maxilar tenso. — Seria a última opção, mas é uma opção.

— Opção? — Ela olhou de um para o outro, cada vez mais tentada a atirar aquele pavão empalhado às cabeças deles. — Que raio de *opção* é essa? Já demos a Mr. Black inúmeros anos de serviço por causa do Oswin, e agora querem dar-lhe ainda *mais*...

— Não metas o pai nisto — atirou Ben. — E nem sequer te estou a pedir a ti. Eu e o Lawrie faríamos isso.

Disse-o como se já estivesse decidido. E Eda quase sufocou com a própria raiva.

— Tu... *o quê?* Perdeste o juízo? Eu não sou uma menina pequena! Não me podes proteger disto, e eu não vou deixar que tomem a minha parte desse fardo. Nunca. Além disso, é uma ideia ridícula. Nós *não* somos negociadores.

— Chega! — Os olhos de Ben faiscaram em aviso. — Passamos despercebidos, e essa é a minha decisão final. Estou a fazer isto para vos proteger.

— Estás a fazer isto porque tens de *controlar tudo!* — gritou ela, apontando-lhe o dedo. A indignação ardeu-lhe como fogo. — Não me deixas ir contigo procurar alvos. Não me deixas negociar Pactos sozinha. Se me deixasses *ajudar* mais, já tínhamos pago a nossa dívida há anos!

— Achas mesmo que Mr. Black nos vai libertar, mesmo que paguemos? Estás a esquecer-te, Eda, que há sempre uma brecha. O que acontece depois de ele ficar com os seus preciosos anos? Ainda temos aquele espelho na cave. A porta dele para o nosso mundo. Achas que ele simplesmente nos deixava livrar-nos daquilo?

— Ele não está interessado em fazer-nos prisioneiros...

— Ele é um *demónio!* — rugiu Ben. — És assim tão imbecil, porra?

Lawrie inspirou com força. Um choque frio caiu sobre ela como chuva.

Ben nunca lhe falava assim.

Ficaram a olhar um para o outro. Depois de um silêncio tenso, Eda encontrou a voz.

— Sou inteligente o suficiente para saber que não resta nada de bom nesta cidade. Não vais ter de te preocupar comigo durante muito mais tempo, Ben. Quando o nosso Pacto terminar, vou-me embora.

Eda subiu as escadas a correr. Lawrie chamou pelo seu nome. Eda ignorou-o. Detestou o ardor juvenil das lágrimas a picarem-lhe os olhos, a dor a rasgar-lhe a garganta. Manteve-as presas até a porta do quarto bater atrás de si.



Eda tinha um sono agitado. Na maioria das noites, esgueirava-se pelo corredor para ir buscar um copo de água nas primeiras horas da madrugada.

Talvez fosse por isso que ele soubesse onde esperar por ela.

A casa dos Shaw ficava por cima da loja. A pequena kitchenette ligava a uma sala apertada e cheia de coisas, que parecia apenas uma extensão do caos no andar de baixo. Eda acabava quase sempre por tropeçar nalgum livro ou nalguma bugiganga que Lawrie deixava espalhada por ali.

Desta vez, apenas tropeçou porque Mr. Black estava sentado em frente à lareira.

— Boa noite, Eda. — Inclinou a cabeça. — Ou, talvez, *bom dia*.

As chamas crepitavam alegremente, reacendidas de brasas quase apagadas. Mr. Black estava sentado no banco almofadado que usavam como assento; fez-lhe sinal para se juntar a ele. Eda sentiu a boca seca.

O que estás aqui a fazer?, Eda não teve coragem de perguntar. Conseguia contar pelos dedos de uma mão as vezes em que Mr. Black aparecia sem ser chamado.

A noite do funeral do pai — lembrava-se bem dessa ocasião. Mr. Black nunca concordara em proteger Oswin de doença natural, e ele tinha morrido rapidamente. Depois de o enterrarem, o demónio apareceu.

Talvez ela fosse demasiado nova para compreender o perigo, ou talvez o peso daquele dia lhe tivesse roubado todo o bom

senso. Mas Eda tinha visto Mr. Black sentar-se ao fundo da sua cama apenas com uma inquietação fugaz.

Dissera, com a voz rouca:

— Só estou a chorar porque não sei o que vamos fazer. Não estou triste por ele estar morto. Devia estar triste, mas não estou.

O demónio limitou-se a sorrir, estendendo a mão para limpar a lágrima que lhe escorria pela face.

— És sábia em guardar o teu luto para quem é mais merecedor, querida Eda. Agora dorme. Tudo ficará bem.

Eda, com 7 anos, a chorar e desesperada por um pai que não tinha, agarrou-se ao cobertor e sussurrou:

— Promete?

— Eu sei que ficará.

Agora sou uma mulher feita, e ele continua exatamente igual.

Eda tomou o lugar ao lado dele, embora a uma distância prudente.

— Não estava à espera de o ver tão cedo.

— De facto. Não gosto do vosso mundo mortal. Tão repleto de ruído e desordem. Aprecio, porém, falar *contigo*, querida.

Estava inclinado na direção dela, com as mãos cuidadosamente juntas no colo. Havia artifício na forma como se sentava, como alguém que posa para um retrato. Cheirava a algo antigo e invernal.

Eda escolheu as palavras com cuidado.

— Sobre o que quer falar?

— O nosso Pacto, claro. Quis dizer o que disse. Deverias alegrar-te com a tua liberdade tão próxima. Porém, o teu querido Benjamin é sempre tão soturno. Desconfia de mim, apesar de eu nunca ter agido falsamente. — Os seus olhos prateados estreitaram-se. — E *tu*? Desconfias de mim?

Eda lembrou-se das lágrimas que ele lhe tinha limpado quando tinha 7 anos. Da presença constante que ele assumira na sua

vida, tanto visível como invisível. Ele era assustador. Era perigoso. Tinha a sua vida na palma da sua mão pálida e cruel.

Para além dos irmãos e desta loja, ele era a única constante que alguma vez conhecera.

— Talvez devesse. — Eda fitou as chamas na lareira. — O Ben acha que quer enganar-nos.

— Não és tão tola. O Benjamin não me compreende. Não como tu compreendes. — O elogio aqueceu-a. — Vês a ganância e o egoísmo do homem como eu os vejo, Eda Shaw. Os teus irmãos e todos os outros desprezam a minha espécie, no entanto anseiam pelos nossos dons, o nosso *poder*. A hipocrisia reside na vossa natureza. Tal como a atração por coisas preciosas reside na minha. — Mr. Black parecia quase abstrato sob a luz alaranjada. — E nada é tão precioso como o próprio tempo.

Era por isso que ele nunca parecia envelhecer. Os demónios absorviam anos de uma vida mortal para prolongar a sua própria. *E quando o nosso Pacto terminar, Mr. Black não terá ninguém para lhe trazer os anos como uvas numa bandeja.* Ele não precisava de mover um dedo há duas décadas: deixaria isso assim tão facilmente?

— O que vai acontecer, quando a nossa dívida estiver paga? O Portal ainda está aqui. Espera que... continuemos a cuidar dele? — As palavras saíram-lhe espessas como melão, relutantes, como se lhe custasse dar-lhes voz.

— Não tenho quaisquer expectativas além do cumprimento do Pacto feito pelo teu pai. Traz-me esses dez anos, e a tua vida será tua.

Eda mordeu o lábio. Logicamente, não havia forma de confiar em Mr. Black, embora ele nunca tivesse feito nada para merecer essa desconfiança, para além de ser aquilo que era. Porque haveria ela de o ressentir, quando fora o pai quem os tinha colocado sob o seu jugo? Apesar de todo o seu terrível poder, de todos os

anos que roubara, Eda podia confiar na sua natureza egoísta: exigir o que lhe era devido e nada mais.

Os humanos, constatava, raramente eram assim tão simples.

— Um novo clérigo veio à cidade à procura de pessoas como nós. O Ben e o Lawrie não querem continuar a procurar alvos. Achem que isto vai passar antes da colheita de outono, mas...

Não conseguiu dizê-lo. *Mas se não passar, vais matar-nos.*

Queria que ele lhe dissesse que nunca o faria, independentemente do acordo. Mas era fácil imaginá-lo a olhá-la com aqueles olhos cortantes, a dizer *um acordo é um acordo*, como se a vida dela não significasse nada. Talvez não significasse. Para ele, aqueles vinte anos deviam ter passado como vinte minutos. Que importância podia ter uma ligação tão breve?

Eda queria que ele se importasse. Provavelmente era uma loucura — algo profundamente desalinhado nos seus neurónios cinzentos —, mas não conseguia evitá-lo. Os irmãos sempre o tinham temido e odiado, e por isso Mr. Black nunca vinha ter com eles por vontade própria. Mas em Eda tinha encontrado uma ouvinte disposta. Uma rapariga simultaneamente inquieta e fascinada pela criatura vinda de outro mundo. Ele tinha-a visto crescer, e ela tinha-o observado a ele, aquela estranha sombra de homem.

Ele conhecia-a melhor do que Oswin alguma vez conhecera.

— Eu não quero esperar pelos meus irmãos — confessou ela. — A hesitação do Ben pode condenar-nos a todos. Eu podia encontrar-nos um último Pacto, sei que podia. Mas nunca agi pelas costas deles antes.

Mr. Black inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Fá-lo, querida Eda, e ficarás livre do medo. És perfeitamente capaz. Nunca duvidei da tua capacidade. — A voz suavizou-se. — Nunca duvidei de ti.

Ela observou-o. Eda era tão afetada pelo acordo do pai como Ben e Lawrie. Tinha direito a agir. Ficar escondida para evitar a

corda do carrasco era sensato, sim, mas de que serviria, se Mr. Black os executasse na mesma?

Mais vale o diabo que se conhece...

Eda procurou-lhe os olhos.

— Tem tanta certeza.

Ele esboçou um sorriso lupino.

— Eu sei-o.



Só reuniu coragem ao fim de dois dias.

Encontrar potenciais negociadores sempre fora tarefa de Ben e Lawrie, mas Eda não era ignorante quanto à rotina dos irmãos. Tinha-os visto muitas vezes sair de noite e regressar de madrugada. Sabia como as coisas funcionavam.

Primeiro e mais importante: manter as identidades escondidas.

Franziu o sobrolho ao olhar para si no espelho. Ter um quarto no sótão significava que a parede se inclinava de forma acentuada, deixando pouco espaço para recuar e avaliar o conjunto, mas conseguiu fazê-lo. Tinha levado emprestadas umas calças velhas de Lawrie do cesto da roupa suja, já que ele não daria pela falta delas. Estavam dobradas três vezes nos tornozelos. Eda vestia um velho colete de Ben, que ele lhe tinha dado anos antes; não era o corte mais lisonjeiro, pensou com certa ironia, mas era quente. Por fim, o seu manto de lã. Era um casaco castanho sombrio, com bainha longa e capuz profundo. Puxou-o para cima para avaliar o efeito geral.

Eda parecia anónima e quase sem forma. Duvidava que até a bisbilhoteira Ferelith Dunn, do outro lado da rua, a reconhecesse.

O melhor que vou conseguir.

O disfarce era apenas uma precaução. As hipóteses de alguém a conhecer para lá dos limites de Crowgate eram reduzidas. Mas

Ben e Lawrie nunca corriam riscos. Por isso, ela também não correria.

Eda saiu para o corredor. Escutou o silêncio para lá da porta do quarto partilhado pelos irmãos. Estavam habituados ao som das tábuas a ranger durante a noite — as suas idas regulares à kitchenette ou à casa de banho tinham-se encarregado disso —, mas ela caminhou o mais leve que conseguiu. Ben tinha ouvidos de morcego e parecia particularmente atento aos seus movimentos ou a qualquer suspeita de erro. Imagine-se a cara dele quando ela lhes dissesse que a dívida estava paga! Teriam de admitir que ela tinha razão. Eventualmente.

Na loja, apenas a luz da lua refletida nas poças lá fora iluminava o caminho. Remexeu atrás do balcão à procura das chaves e destrancou a porta da frente.

Clique.

Eda congelou, mas quando ninguém apareceu, agarrou num banco de apoio. Subiu e, com cuidado, enfiou o lenço dentro do pequeno sino de latão da porta, atando-o ao badalo lá dentro.

É bom que isto resulte.

Ela desceu e, devagar — *muito* devagar — rodou a maçaneta.

A porta abriu-se numa fresta. O mecanismo fez o sino balançar, mas só se ouviu um som surdo. Ela soltou o ar. Puxou o capuz e saiu, fechando a porta atrás de si.

Agora vinha a etapa seguinte: procurar um antro viável.

Havia muitos desses lugares em Blackbridge. Tabernas sombrias, antros subterrâneos: sítios onde os desesperados e os sem esperança se juntavam como ratos. Ben e Lawrie conheciam a maioria. Eda lembrava-se de ter ouvido falar de um em particular, a sul do rio, na fronteira entre Crowgate e o bairro vizinho de Gaffham. Se Crowgate tinha do bom e do mau, Gaffham era abrasivo como pele de tubarão. Onde quer que os irmãos tivessem encontrado Bartholomew, certamente não fora ali. Tipos

aborrecidos da nobreza atravessavam por vezes a porta dos Shaw, atraídos por curiosidades excêntricas que lhes ofereciam uma distração breve, mas a maioria dos seus *dealies* era pobre.

Para os pobres de Blackbridge, havia apenas duas opções: vender o corpo ou vender a alma. Os anos eram fáceis de entregar quando nem sequer se tinha a certeza de quantos restavam — ou do que valiam.

Eda passou por um beco estreito sob uma velha ponte elevada. Viu pombos à luz da lua, as suas formas escuras empoleiradas sob o telhado adornado com pináculos. A cidade orgulhava-se de inúmeras pontes, sendo esta erguida como acontecia sobre zonas húmidas planas propensas a inundações. Praticamente todos os edifícios ali estavam ligados ao seguinte por uma pequena ponte aérea ou um passadiço nos telhados.

Apertou o manto contra si.

Eda raramente saía àquela hora tão tardia, e sentiu a dissonância de imediato. Blackbridge ganhava *vida* à noite. Não no sentido de uma agitação vibrante diurna, mas como uma floresta povoada por criaturas secretas e furtivas que apenas a escuridão conseguia revelar. Os edifícios encostavam-se uns aos outros como bêbedos, varandas de madeira deformadas pelo tempo. Frontões enegrecidos fundiam-se com o céu noturno, onde pináculos afiados como agulhas trespassavam a lua de outono. A cidade erguia-se sobre tudo como uma onda escura e a rebentar.

Havia poucas hipóteses de encontrar um negociador esta noite. Ben e Lawrie saíam quase todas as noites e ainda assim lutavam para encontrar algo promissor — por vezes, durante meses seguidos. Este ano tinha sido particularmente lento. Mas ela tinha de começar por algum lado.

Eda evitava o olhar de vagabundos errantes e saltava por cima de dejetos despejados de penicos. Um cão tremia à entrada de uma porta. Viajantes noturnos juntavam-se junto a janelas

engorduradas e assobiavam-lhe, cheirando a rosas enjoativas e cerveja azeda. Ela acelerou o passo.

Só mais um pouco...

Soube que tinha chegado a Gaffham quando atravessou a ponte arqueada sobre o Canal de Eastside. Água escura chapinhava. Um pato selvagem grasnou algures fora de vista. Um grupo de homens entoava uma canção ruidosa pela noite, fazendo ecos saltarem de parede em parede. Eda aventurou-se pela rua principal. Algumas janelas ainda estavam iluminadas por velas, mas a maioria era negra como piche. *Sei que está por aqui algures, mas onde?* «Mesmo ao lado da rua principal», Lawrie tinha dito em passagem.

O olhar dela varreu a esquerda e a direita, até que finalmente...

Ah.

Numa rua estreita entre duas lojas, um grande letreiro de estuque era iluminado por baixo por uma lâmpada suspensa. Uma mão esguia estava pintada com a palma virada para cima, estendendo-se em súplica. Eda aproximou-se.

A Mão Torta.

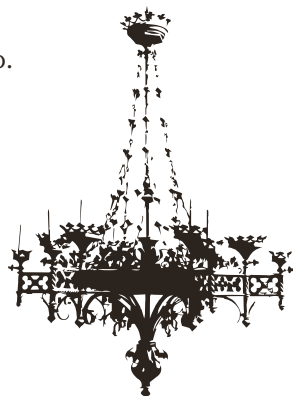
Era agora.

A apreensão desceu-lhe pela espinha.

Não te acobardes agora, disse a si mesma, caso contrário, para que serviu tudo isto?

Eda respirou fundo.

Estava na hora de encontrar um último Pacto.



OS POBRES
EM BLACKBRIDGE
TÊM DUAS ESCOLHAS:
VENDER O CORPO
OU VENDER A ALMA.



Vinculada a um demónio perigoso chamado Mr. Black, Eda e os seus irmãos organizam Pactos em seu nome, atraindo os mais desesperados para trocar anos das suas vidas pelos seus desejos mais profundos.

Quando um Pacto corre mal, os irmãos de Eda são presos e ela foge. Para salvar a sua família, Eda vai precisar de um aliado infernal: Kit'rath, o único demónio que Mr. Black parece temer.

Mas a ajuda de Kit não vem sem um preço. Eda entregou a sua alma, mas corre o risco de entregar também o seu coração.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretssociety.pt](https://www.secretssociety.pt)
[#seekthebutterfly](https://www.instagram.com/seekthebutterfly)

ISBN: 978-980-596-109-6



9 789895 961696